

Colapso pode chegar em 72 horas

MALU PIRES

Dentro de 72 horas, no máximo, o sistema hospitalar do Distrito Federal deverá entrar em colapso. A previsão, feita ontem por diretores, vice-diretores e chefes de setor dos hospitais de Base, Asa Sul e Guará está baseada no início de falta de medicamentos, equipamentos, material hospitalar e espaço físico para atender aos doentes, detectados ontem, e na triplicação do número de pacientes. Contexto, segundo eles, que pode favorecer ao surgimento de casos de infecção hospitalar.

Para estas três unidades estão sendo encaminhados os doentes graves dos hospitais fechados — Brazlândia, Planaltina, Sobradinho e São Vicente de Paula — e das emergências de Taguatinga, Asa Norte, Ceilândia e Gama. No HRAS, especializado em obstetrícia, ginecologia e pediatria os 118 leitos da maternidade estavam ontem lotados. As parturientes lotavam, além das enfermarias, os corredores, espalhando-se em macas, colchões, e, algumas ficavam no chão.

O número de pacientes exigiu que a enfermaria da clínica médica fosse desativada para colocação das parturientes, enquanto no berçário três a quatro recém-nascidos dividiam o mesmo berço. Tinha até mesmo um carrinho onde 10 crianças estavam alojadas. “A impres-

são que tenho é que isto aqui virou um hospital de guerra”, disse o chefe da maternidade Avelar de Holanda Barbosa. Sua previsão era de que o movimento ontem batesse o recorde de domingo, quando nasceram 81 crianças. “Com o fechamento da emergência de Ceilândia o número de nascimentos deve chegar a 100”, assinalou.

“Mais 24 horas neste ritmo e o HRAS não poderá receber mais ninguém. Não vai ter onde colocar”, enfatizou.

No Hospital de Base o vice-diretor Lairson Rabelo, tinha problemas semelhantes. Até as 16h00 a equipe de 35 médicos da emergência já tinha atendido a 131 pacientes em estado grave e, a capacidade máxima de leitos nesta área é de 60. As macas foram os primeiros equipamentos a faltar, mas já havia pedido para medicamentos — analgésicos, fio de sutura, reveladores de raios X e sangue, principalmente, dos tipos AB e O negativos.

“A continuar do jeito que está, dou, no máximo, 72 horas, para não termos como atender aos pacientes”, frisou Rabelo.

No Hospital Regional do Guará o quadro é idêntico: leitos ocupados, falta de material e previsão de caos. Como solução de emergência os chefes destes três hospitais estão pedindo aos diretores dos hospitais fechados que enviem os materiais, medicamentos, sangue e equipamentos que não estão usando.